

Langoni defende a criação de fórum dos países devedores

Heitor Tepedino,
correspondente

Londres — O ex-presidente do Banco Central, Carlos Langoni, defendeu a criação de um "forum" especial tipo Clube de Paris ampliado para que os países devedores possam negociar conjuntamente com o Fundo Monetário Internacional, os bancos centrais e os bancos privados, ao participar de palestra e debates na "The City University", de Londres, em seminário denominado "The International Debt Crisis", lembrando que a crise do custo do petróleo já dura 10 anos, sem saber-se agora quanto tempo precisaremos para superar a crise financeira.

Após a palestra do professor Allan Meltzer, da Carnegie-Mellon University e de Brian Quinn, do Banco da Inglaterra, Paulo Lyra, também ex-presidente do BC, afirmou que cinco anos seria um prazo adequado para que o Brasil pudesse reiniciar o pagamento dos seus compromissos, já que neste período se terá sinais mais visíveis dos rumos da economia mundial. Paulo Lyra enfatizou que em 1978 o Brasil mantinha US\$ 12 bilhões de dólares em reservas, mas acabou tendo de aplicá-las, não por sua vontade, obrigado a acompanhar a fuga ocorrida no mercado.

Langoni, por seu lado, recebendo o apoio dos outros conferencistas, disse que não se pode continuar sem um "forum" específico para tratar-se das renegociações das dívidas, o que atualmente é feito em conversas de 10 minutos durante coquetéis promovidos na reunião anual do FMI, o que não tem sentido, porque trata-se de bilhões e bilhões de dólares que estão sendo negociados.

O ex-presidente do BC voltou a indagar se o excesso de empréstimos levantados nos últimos três anos pelos países em desenvolvimento não poderia ter sido captado pelos bancos emprestados, acentuando que é muito estranho que esses banqueiros não tenham vislumbrado este fato. Langoni também colocou para os participantes do encontro que, enquanto em julho de 1982 o Brasil captava a média de US\$ 1,5 bilhão de dólares no exterior mensalmente, no dia 31 de agosto esta parcela caía para a metade, não havendo justificativas para que o conceito sobre o risco do Brasil fosse alterado tão subitamente, em apenas 30 dias

já que neste período não verificou-se nenhuma mudança drástica na execução da política econômica.

Carlos Langoni criticou, ainda, situações como as dificuldades que o Governo brasileiro enfrentou com o BIS (Bank of International Settlements) para adiar o pagamento de dois empréstimos, afirmando que essas instituições deveriam existir justamente para ajudar nessas crises, porque se algum país vai ao BIS é porque está sem reservas para bancar os seus pagamentos imediatos.

Em um trabalho intitulado "as lições das crises: sob o ponto de vista dos países em desenvolvimento", Langoni disse que as crises financeiras são ao mesmo tempo brutais nos seus impactos e inesperadas. "Nenhum Banco Central, ou banco comercial, sem mencionar-se os governos dos países em desenvolvimento, estão preparados para tomar as medidas necessárias, ou pelo menos para minimizar suas consequências. Infelizmente — continuou — após muitos anos vivendo sob uma crise, muito pouco se aprendeu neste período".

Após analisar os esforços do Governo brasileiro de lutar para vencer obstáculos do programa econômico e executar uma liberalização política, Langoni criticou as permanentes flutuações das taxas de juros no mercado internacional, salientando que este setor deixa os países em desenvolvimento muito vulneráveis. Quanto ao FMI, Langoni disse que, embora respeite este órgão, existem contradições nas suas políticas, e, muitas vezes, ele dá um período muito curto para ajustar-se ao seu programa, em perigoso conflito político e social com o ponto de vista do país assistido.

No entender de Langoni, não há dúvida de que os países em desenvolvimento estão sofrendo desproporcionalmente as árduas consequências da crise. Todos eles, voluntária ou compulsoriamente, mesmo fora do FMI, estão num difícil processo de ajustamento, o que impõe perdas adicionais da renda real e com extremo custo social.

Concluindo, o ex-presidente do BC disse que as organizações multilaterais precisam mobilizar idéias inovativas e mais flexíveis, e simultaneamente substituir as permanentes perdas que devem ocorrer através dos contratos de fundos de longo termo.